

# DESPERTAR!

Francisco Guimarães

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Campo de D. Carlos I, n.º 26 — BARCELLOS

MUNICIPIO DE BARCELLOS

BIBLIOTECA

Composto e impresso na *Typographia Minerva*

Rua de Santo Antonio, *Famalicão*

N.º 2 — Abril de 1909 — 1.º Anno

## O que se diz da religião

A fabula do Christo é de tal modo lucrativa que seria loucura advertir os ignorantes do seu erro.

PAPA LEÃO X.

Não acreditaria nos Evangelhos se a isso não fosse obrigado pela autoridade da Igreja.

S. AGOSTINHO.

A confissão, a communhão, etc., são preceitos religiosos que não tem razão de ser, especializando o primeiro, em que o individuo vae revelar os seus segredos e a sua vida intima a um outro individuo, que na maioria dos casos, abusa da confiança que n'elle depositam.

LARCHER MARÇAL.

## O nosso apparecimento

A tarefa que nos propuzemos encetar para bem da humanidade—eivada de estúpidos preconceitos e embrutecida por innumeras superstições—teve a sua plena justificação no acolhimento que ao nosso jornal dispensaram todos os barcellenses. Todos—novos e velhos, ricos e pobres, illustrados e não illustrados—justificaram exuberantemente a missão que nos obrigou a entrar no glorioso campo da Imprensa.

Sim! Na indiferença de uns, vimos nós desenhada a ignorancia; o entorpecimento de muitas energias; a neutralisação de algumas forças; uma raça que se anniquila; uma humanidade que se subverte.

Sim! No riso alvar de outros—cinico e hypocrita—vimos nós os efeitos perniciosos do jesuitismo dominante; a influencia nefasta de ideias retrogradadas e seculares; a corrupção e o fanatismo.

Sim! Na insolencia, nos apôdos de alguns vimos nós a intransigencia d'um estado social, decrépito e desmoralizado; a preponderancia de oppressoras oligarchias; o pessimismo; a descrença.

Para os primeiros a *Verdade* ou é desconhecida, ou não é mister, nem mesmo necessario e conveniente, espalha-la por todos os lados, derrama-la em todos os cerebros, incuti-la em todos os espiritos.

Pois é a *Verdade*, cidadãos, que queremos diffundir!

Para os segundos a *Justiça* é a subalternisação de todos

os sêres; o aviltamento de todas as consciencias; a impunidade para os grandes e *conscientemente* criminosos; as galés para os opprimidos, para os misereros.

Mas é o imperio da *Justiça*, senhores, que desejamos implantar!

Para os terceiros a *Liberdade* é a violencia; o insulto; a identidade de crenças; a conformidade de opiniões; a oppressão; o passado.

Pois é pela *Liberdade*, cidadãos, que pretendemos pelear!

É grande e espinhosa a nossa tarefa, encarniçada e ardente a guerra que nos movem, mas que importa?

No despotismo que queremos derrubar; nos contrasensos que pretendemos anniquilar; nas superstições que desejamos destruir; no existente, emfim, está a causa unica da nossa existencia, e a razão principal do nosso apparecimento nas arduas e terriveis lides do jornalismo.

Somos novos, não nos compromettemos um passado de injustiças, incoherencias, inniquidades; antes nos favorece, aos olhos das creaturas dignas, um presente da mais solida e racional orientação, da mais nobre e correcta conducta.

Somos fracos, porém não nos intimidam os doéstos e as violencias de alguém, porque temos a nitida intuição de todos os nossos deveres e obrigações, a verdadeira convicção d'aquillo que defendemos como bom, justo e racional.

Não faremos da penna um azorrague com o qual açoute-

mos um regimen, deshonesto e corrupto, oppressivo e injusto; será, pelo contrario, um escalpello e um bisturi pelo qual dissecaremos uma a uma as multiplas fibras do canceroso organismo social.

Não recuamos, proseguimos sempre.

Destruiremos, instruindo; construiremos, educando.

Assim julgamos responder aos commentarios que o nosso apparecimento suscitou.

## Sem commentarios

Como se instrue no Circulo Catholico

A Baixo os pensadores livres.

Fora os irejjes.

Morra os falsificadores da Santa Religião.

Foggo nelles.

Biba a Santa Religião.

Biba o Padre Mattos.

Biba o Padre Lemella

Biba o Circo Catolico.

*Palavras escriptas por um director do Circulo Catholico na cinta do nosso jornal.*

## Excerptos de um sermão

II

O marquez e a Seita

Meus queridos ouvintes e amigos:

O pasquim da seita—«Folhas Soltas»—trazia ha tempos estampadas umas gravuras representando a execução do Duque de Aveiro e marquezes de Tavora, por, a instigações dos jesuitas, attentarem contra a vida de el-rei D. José I na noite de 3 de Setembro de 1758, e decretada pelo seu primei-

ro ministro Marquez de Pombal. Quem aquillo visse e quem aquillo lesse escripto com todos os detalhes horrorosos, desconhecendo a suggestiva e heroica historia portugueza, que juizo faria?

—Que o Marquez de Pombal era um homem de maus instinctos! Que o Marquez de Pombal era um preverso, um facinora!

Como te enganavas ó povo ignorante!

Marquez, grande Marquez, agora, mais que nunca, é que tu havias de existir. São passados 150 annos depois que tu n'um acto rasgadamente liberal e vendo quanto era pernicioso e definhadora a seita lugubre do jesuitismo, a expulsaste d'este reino.

Cento e cincoenta annos são volvidos, mas ainda existe em todo o peito verdadeiramente portuguez, o reconhecimento e a admiração á tua saudosissima memoria!

Se foi requintadamente atróz o castigo que mandaste dar aos que attentaram contra a vida do teu rei, foi tambem grande e severo, e como era preciso, o exemplo que deste aos que te teciam a intriga e tratavam de te subjugar; mas nunca tão requintado, nem atróz, como os supplicios infligidos por esses impostores *santinhos*, a milhares de desgraçados que não se coadunavam á estupidez das suas doutrinas!

Meus amigos;

Vou vêr se posso ligeiramente dizer-vos quem foi o Marquez de Pombal, mostrando-vos tambem resumidamente as suas obras.

Ouvi:

Marquez de Pombal, foi o homem que multiplicou a riqueza publica, que desenvolveu o commercio, a industria e a navegação, que tornou a nossa nação respeitada, que instituiu uma companhia para tirar aos inglezes o monopolio dos vinhos do Porto, que elevou o exercito portuguez de 20 mil a 50 mil homens, que reedificou parte da cidade de Lisboa arrasada por um terramoto, fazendo de um montão de ruinas a bella cidade que ainda hoje admiramos, e que expulsou de Portugal os jesuitas, para o que, teve os seguintes motivos:

Primeiro:—de quererem usurpar o estado do Brasil, incitando os indios (indigenas do Brasil) á re-

bellião e constituindo com elles exercitos para extinguirem n'aquelle continente o poder do rei de Portugal.

Que patriotas!

Segundo: - de haverem repellido todos os meios brandos empregados pela jurisdicção pontificia e regia para os conter na observancia do seu instituto, reformado a instancia de el-rei D. José pelo papa Benedicto XIV.

Que humildade!

Terceiro:—de se serem apodear das terras dos estados e dos interesses mercantis.

Que ladrões!

Quarto.—*De haverem indusido o Duque de Aveiro, os marquezes de Tavora e outros a tentarem em a noite de 3 de setembro de 1758 contra a vida do rei.*

Que assassinos!

Quinto:—de haverem com os seus socios estabelecidos n'outros paizes diffundido por toda a Europa infames calumnias contra D. José. Tal qual como tem feito agora ao nosso paiz!

Sexto:—de perturbarem o bem commum dos cidadãos.

Que paz e que amor!

Uma só d'estas coisas era o bastante para a sua expulsão, mas para bem poderdes fazer um seguro juizo, ouvi agora o que elles fizeram com a sua *santa inquisição*:

Em Lisboa foram queimados vivos 355 homens e 221 mulheres; morreram encarcerados 706 homens e 546 mulheres; padeceram tormentos 6:065 homens e 4:960 mulheres!

Isto só em Lisboa.

Podia ainda dar-vos a relação da mortandade por elles feita com os mesmos requintes de atrocidade em Evora, em Coimbra e em Góa, na India.

Só na Hespanha queimaram vivas 32:000 pessoas!

A par de isto eram violadas as esposas e as filhas dos que elles encarceravam ou matavam!

Não vos descrevo os supplicios das cunhas em brasa em que faziam passeiar descalças as suas victimas, nem muitos outros horros meios de que se serviam para as martyrisar!

Vêde lá se Christo poderia pregar estas doutrinas!

Estes horros deviam elles tê-los estampado e descripto, em vez da execução dos conspiradores contra a vida de el-rei D. José, que afinal suas victimas foram por serem por elles induzidos.

Comparaes agora: O Marquez consolidando-nos garantias, fazendo-nos respeitados, promovendo a nossa riqueza e bem-estar, é o sol benefico e acariciador a quem devemos adorar respeitosamente, tributando á sua saudosa e sempre lembrada memoria, a nossa gratidão.

A seita negra, a seita jesuitica e hypocrita, é a sombra definhadora que nos atrophia, o abutre de olhar sinistro e garras aduncas sedento de sangue, semeando a desgraça e a desmoralisação, de quem devemos fugir, fugir sempre, por ser o nosso maior inimigo.

Está arrancada a mascara.

Disse.

Frei Ignacio.

## Fogo Vivo

Quando do violento terremoto que enluctou o paiz da arte—a Italia—o *escorropicha galhetas*, padre Mattos, escrevia no vasadouro de calumnias e verrinadas—«O Portugal»—que a hecatombe italiana foi castigo de Deus, motivado por umas blasphemias que o jornal de livre-pensadores, «Il Telefono», havia inserto dias antes.

A colera divina—segundo a opinião do sorrifico matoide padre Mattos—saciou mais uma vez os seus instinctos vis e barbarescos em perto de cento e cinquenta mil pessoas.

Extranha e illogica philosophia, por causa de um peccador outros soffrerem—quantos innocentes!—o desembestar cannibalesco da Divina Providencia.

N'este caso o Ente Supremo que rege o globo perdeu toda aquella incommensuravel abnegação, que vós, vís tonsurados, excepçioaes em toda a parte: «esse ente infinitamente bom, justo e misericordioso».

Entre o montão de victimas, que tomaram em Messina e Reggio, pereceram *dois bispos, padres e algumas centenas de frades e freiras!*

Enexplicavel semelhante incoherencia, os elementos convulsivos da mãe-natura, á ordem do Omnipotente, não respeitarem as purpuras dos seraphicos bispos e quejandos.

\*

«Na freguezia de Capareiros, concelho de Vianna do Castello, uma faisca electrica destruiu parte da igreja, damnificando alguns santos (Noticia das gazetas n'um dos dias de março).

Aqui, os *papa-hostias*, responder-nos-hão que a faisca electrica destruidora do templo de Capareiros, e que fez em estilhaços alguns santos, foi obra de Satanaz, que coopera pela destruição das coisas religiosas, de *sociedade* com os impios terrestres.

Para outra vez, se o adiposo abbade amaíl-a sua serva quizerem estar isentos de todo e qualquer damno, é recorrerem ao para-raios.

O diabo, meu caro reverendo, está em que a Igreja é incompativel com a sciencia. segundo lá diz a Encyclica de 17 de março de 1870 (Pio IX):

«A fé repousa. não sobre a

razão, mas sobre a auctoridade».

Em Roma—antigo feudo papal,—os catholicos foram nas ultimas eleições batidos em toda a linha, aconselhando-lhes o Padre Santo (sic), a que se entreguem, d'oravante, aos deveres religiosos, abandonando a maldita politica.

Malfadada politica quando perdem; bem dita quando as suas hostes cantam hossanas! Sempre o espirito hypocrita inherente á Igreja, dissimulando o que pensa.

\*

O beaterio indigena, trabalha com todo o entusiasmo pela revogação do decreto da proscricção contra D. Miguel e successores, quer dizer, brevemente pisarão terra portugueza os descendentes *d'aquelle* que infligia tratos de polé aos *malhados*.

Canastras e pseudos fidalgos todos se esganiçam pelos tempos do *arrocho*.

Apo.

## Cartas ao povo

II

Abril de 1909.

Do alto do pulpito d'uma igreja d'esta villa um padre—pregador conhecido e cura de muitas almas—em éstos de indignação e largos gesticulados apostolisou uma cruzada infrene a favor da monarchia e do rei, contra os republicanos e alguns outros inimigos das instituições vigentes.

Mais uma vez—oh! povo ingenuo e crédulo—ocultaram-te a verdade.

Mais uma vez vós que consideraes o pregador um bom e leal conselheiro, um sincero e desinteressado orientador, e julgaes vê nas suas palavras a rude mas simples expressão da verdade, fostes ludibriados por quem, conhecido da vossa ignorancia, julga azado o momento e propicia a occasião para a satisfação das aspirações e desejos da sua seita.

Vejan os.

A monarchia que esse padre vos aconselhou a defender, sabeis o que é?

E' a ignorancia, o desperdicio, o atropello e o abuso o roubo e a exploração.

A ignorancia porque tendo Portugal **5.423.132** habitantes, somente **1.661.796** sabem lêr e escrever, de fôrma que **4.261.336** são analphabetos.

No nosso districto, por exemplo,—Braga—cuja população é de **357.159** habitantes, ha **139.317** pessoas que não sabem lêr nem escrever.

Não ha escolas bastantes, das poucas que existem algumas d'ellas não tem o necessario e imprescindivel material escolar e quasi todas ellas estão installadas em velhos e nojentos pardieiros.

A ignorancia é absoluta. Todos os cerebros estão ás escuras, ne-

nhuns os illumina os resplandescentes raios da instrucção.

Quasi ninguem sabe lêr e escrever, poucos são medianamente illustrados.

O paiz tem **3.921** freguezias, **925** não tem escolas.

Lisboa é habitada por **359.009** pessoas de ambos os sexos e apenas tem **144** escolas, isto é *uma escola* para **2.472** habitantes.

O nosso districto tem **282** freguezias sem escolas e Barcellos, cujo concelho tem **95** freguezias, **69** d'estas não tem escola alguma.

Ha na capital **42.142** crianças, pois comparando o numero d'ellas com o numero de escolas teremos a percentagem de *uma escola* para **294** crianças.

Em Portugal contam-se **2.831.132** mulheres e sómente **425.267** sabem lêr e escrever.

Trevas! Tudo ignorancia!

A monarchia, portanto, não vos instrue, não trata da vossa educação.

Quer-vos ignorantes, quer que todos vós sejais analphabetos.

A monarchia, disse eu tambem, é o *desperdicio*.

Sabeis porquê?

Porque não governa com parcimonia, com economia.

As receitas não são muito pequenas, as despezas são enormes, porém nenhum monumento de valor, nenhuma obra de vulto, attesta e comprova a causa de tão grandes gastos.

Tudo é pobre! A esthetica dos edificios publicos, o aspecto dos grandes centros, a estrutura das cidades.

No entanto—repara oh! povo— a nossa divida é de **440.418** contos, para mais, com a qual consumimos todos os annos, de juros, a importante somma de **21.500** contos.

Mas ha mais ainda.

Gastamos com a força armada **14 mil contos**, porém não temos postos e portes devidamente artilhados; um exercio competentemente municiado; as fronteiras devidamente guarnecidas; não temos tambem marinha de guerra; não ha marinha mercante.

Tudo são desperdicios, esbanjamentos.

Di-lo um ministro de estado, o marechal do partido regenerador Anselmo de Andrade, ennumerando em **130 mil contos** os erros da administração publica nos ultimos cincoenta annos.

A monarchia não nos sabe administrar, é incompetente.

E' o *abuso e o atropello*—affirmei eu tambem—porque na administração dos negocios publicos não usa da conveniente e necessaria rectidão, da precisa e util prespicacia.

Gasta-se á tôa, fazem-se despezas desnecessarias e inuteis, não se dispense com outras de incalculaveis beneficios.

Com a guarda municipal e policia cuja funcção unica é matar, acutilar, perseguir—em 4 de Maio de 1906 innumerous massacres, 1 de Dezembro de 1907 muitos morticinios, 18 de Junho de 1907 dous mortos e bastantes feridos, 5 de Abril de 1908 quatorze mortos e oitenta feridos—gasta o Estado **1003 contos** por anno e com a instrucção—a maior força para o progresso material e moral d'um povo—apenas **938 contos**.

Em obras nos paços reaes gastou o Estado em 14 annos réis **2.839.354\$178** e com a beneficencia publica—asylos, hospitaes,

crèches etc—apenas gasta por anno 571 contos.

Corporações ha que, por lei, são obrigadas a contribuir para determinados serviços publicos com grandes e importantes sommas, pois partes d'essas quantias são abusivamente distrahidas do seu fim unico e applicadas em despesas de mui diversa natureza.

O concelho do Porto, por exemplo, entrega ao estado para os serviços de instrucção **114.464\$242** réis, pois d'esta avultada quantia sómente a importancia de **58.699\$290** é applicada ao ensino.

A monarchia abusa, despreza as leis, exerce um sem numero de violencias. Não faz eleições livres, antes coage os seus subordinados a votar nos cidadãos que teem o rotulo do ministerio do reino.

O povo não escolhe por si os seus representantes, todas as consciencias são subornadas.

Tudo é oppressivo. Ninguem é livre.

E' o roubo e a exploração, disse eu do regimen, e esta minha asserção justifico-a com o testemunho dos defensores do actual, com affirmações dos proprios monarchicos.

Dil-o Anselmo de Andrade, no seu livro «Portugal Economico» affirmando que dos cofres publicos desapareceram sem se saber como **10,371** contos e ainda ha pouco tambem um jornal monarchico o «Correio da Noite» disse ter provas de um ministro franquista *cruvar as garras aduncas* nos cofres do Estado.

A monarchia portanto é... o que vós vêdes e o que sabeis pelo testemunho insuspeito dos seus proprios defensores.

Aconselhou-vos, tambem, esse pregador a defenderdes o Rei—symbolo d'um systema que já defini em linhas precisas e desapaixoadas—porque, disse elle, cercam-nos grandes perigos e o pae já o mataram os malvados dos republicanos.

Como te illudem, oh! povo. Quem matou o rei Carlos não foram os republicanos, foram sim os monarchicos, os seus vassallos, as abelhas palacianas, os politiquieiros, os caciques.

Esses, sim—com governos funestos, com odiosas dictaduras, com successivas violencias, mandando acutilar o povo, roubando eleições aos legitimos eleitos—tornaram bem densa a atmosfera politica e bem tenso o estado dos espiritos que a acção individual do Buissa desanuviou um pouco, descarregou bastante.

Sabeis quantas vezes dissolveu o Rei Carlos o parlamento nos 18 annos do seu reinado?

11 vezes; isto é onze vezes foi privado o povo de intervir nos negocios publicos, onze vezes foi desprezada a mais sagrada regalia do regimen constitucional.

A politica pessoal e a não substanciação com a alma popular, juntamente com erros que de longe vinham foram as causas da morte do rei Carlos e as unicas que apressaram a sua ruina.

Defender o rei como e porquê? Por ser jovem, por ser uma creatura sympathica, por ser enfim um pobre moço que o acaso fez rei?

Não! A marcha evolutiva dos povos, a carreira vertiginosa do progresso, não a entrava, não a impede a acção d'um rei por mais sympathica que seja.

Demais o monarcha de hoje é o symbolo d'um regimen desacredita-

ditado moralmente e fallido intellectualmente.

Contentarmo-nos com o existente, é retroceder, é aniquilar energias latentes, é destruir condições de vida, é inorror.

Devemos avançar, caminhar do imperfecto para o mais perfeito, do governo de um só para o governo de muitos e quiçá até para o governo de todos.

A Republica? Será o bastante? Ah! não!

E' pelo menos o conveniente, um grau a mais na escala do progresso.

Da Republica, como systema politico, fallar-vos-ha na terceira carta

o vosso humilde camarada.

Antonino

## A Procissão

Prosa rimada

A garotada inconsciente, em festa, empunhando o fogacho petroleiro de fumarada negra que lhe ha-de render o seductor meio-tostão, abre em grande gritaria o prestito bombastico das representações politicas e da vaidade enfatuada da néscia burguezia. E tu, meu pobre Christo, morto ha mil e oito centos annos, que pregaste a egualdade e derramaste o amor, serves ainda de joguete e motivo para a exhibição de nulas palhaçadas de fardas e commendas, de peitos engomados, de botas de verniz, d'uma casaca nova, de caras luzidias depois de um bom jantar de facil digestão e finas iguarias.

Lá passas tu cercado! Que magua eu sinto agora!

A fina luva branca empunha umas lanternas mas como vaes tão alto só póde alumiar-te as descarnadas pernas!

Olhando de soslaio, os teus lampianistas sorriem de prazer, e, a plebe ajoelhada, extatica admira o bello laço branco e o talho da casaca de rica casimira.

E o povo, o povo ignorante olha e crê!

Em commodo landeau, bem recostadas, as loucas meretrizes assistem descaradas em attitude obscena ao desfilar da scena.

E assim meu pobre Christo obrigam-te em imagem a ser n'esta comedia despotica e nojenta a triste personagem que muda representa.

Agora vem o pallio na baça luz dos cirios, cercado por aquelles que são os teus ministros solemnes e sinistros. Tambem os ha ladrões!

Ha muitos na cadeia por ter roubado o pão, o pão para comer; mas estes se o fazem é para enriquecer e vão com impostura, com seu sorriso alvar, sob um pallio bordado levar-te muitas vezes ás casas da miseria onde agonisa em febre, faminto, um desgraçado!

Olha em que mãos tu andas!

Segue-se agora a tropa porque se por fracasso tu quizeses fugir, crivavam-te de balas, não davas mais um passo!

No couce vem a musica em sopros avinhados d'arripiantes notas, e, terminou a farça.

Fazem de ti actor para se ter valor... p'ra ser um bom comparsa.

Enéas.

## A um prégador

Oh! Pobre de ti, coitado, que em vão estás gastando todo o teu manhoso saber. Canças-te, esalfas-to, extenuas-te e afinal para quê? Pois tu por ventura não vêz, falso e detestavel servo de Christo, o repellente papel que estás representando n'essa farçante comedia de calculo jesuitico? (Consente que assim cognomine o teu estratagemma). Illudes-te só com vêres os teus fanaticos ouvintes na maioria analphabetos, orarem e benzerem-se numerosas vezes, assustados e arrepiados, ao ouvirem-te calorosamente descrever, appoiar e perfilhar coisas deshumanas, sobrenatures e espantosas que os seus antecessores habilmente incutiram nos animos e espiritos fracos d'essa enorme massa de gente sem razão; esperando astuciosamente talvez, que estes que ainda o não são, ao verem-nos assim proceder e levados por tuas ardis phrases se deixem caír ate morisados no laço que tão traiçoeiramente estás tecendo, e lhes sigam o exemplo. Mas oh maldição!—Maldição!

O engano é bom claro. Repara que estão rindo é zombando de ti aquelles que são crentes e não fanaticos:—aquelles que veem nitidamente atravez d'essa tua soberba e encantadora mascara (porque realmente desempenhas bem o teu papel):—aquelles que creem que ha um ente superior a todos nós que formou tudo isto que é bello quo nós amamos e admiramos e que á primeira vista nos parece um impossivel, mas que não dão nem prestam

preceito ás ridiculas e enganadoras palavras que tão destemidamente estás pronunciando.

Pobre cerebro, pobre cerebro esse teu, que dominado pelo fanatismo, hypocrisia e (como já disse) calculo jesuitico, vaes qual caminheiro errante trilhando um caminho cheio de espinhos que te pode levar de encontro á victoria e immortalisar-te (ante o jesuitismo), mas que tambem pode acarretar graves e funestas consequencias não só para ti, como igualmente para todos os que fazem parte da infame seita negra a que pertences.

Oh! Observa que estás criminosamente faltando aos teus deveres de sacerdote, offendendo injustamente esse Christo a quem finges adorar e venerar, fazendo d'elle um espirito mau e temeroso, para assim adquirires a confiança e protecção do povo ignorante, em todos os tôrpes e nefandos actos que costumaes praticar. Repara que com esses sermões te estás desacreditando e a todos os teus. Observa por um momento o mal que tendes feito a toda a humanidade. E finalmente vê que todo esse trabalho e o de teus congéneres é baldado, porque haveis de ter sempre em opposição a razão em triumpho contra vós.

Virgem Maria

## Aos Jesuitas

Ao vêr-vos magros, esguios,  
Ou então gordos e nédios,  
Sinto no corpo arripios,  
Invade-me um mar de tédios!

Vosso olhar revela a mancha,  
Vosso sorriso o cynismo;  
Expressão feroz, tacanha,  
D'um latente sensualismo!

Diffandis odio, terror,  
Com esse aspecto agoirento,  
C m vez da paz, do amor,  
Que pregaes cada momento!

Com essas negras batinas,  
Com esse chapeo bicudo,  
Pareceis-me bestas ferinas  
D'in'enso faro sanhudo!

As creancinhas, ao vêr-vos,  
Chegam-se aos collos das mãos;  
Aos velhos creaes mais nervos;  
Uivando fogem os cães!

Creio até, resava o Credo  
De receio e dôr em misto,  
E sentiria até medo,  
Se vos visse, o proprio Christo!

Benebruto

## Carapuças

### SOLEDADE

Estilhaçou-se um copo. Nada ha de mais natural na mesa de um festim ou mesmo em qualquer residencia abbacial; mas n'um pulpito!..

Bem diziam as beatas que o agouro era mau. E foi, como se viu, porque o bom abbade, que talvez já tivesse concebido a ideia de um *panno enxovalhado em sangue*, deixou germinar no seu cerebro,—forte mania,—do *sentimento uma hydrophobia!*

E foi assim—oh! Virgem!—que um ministro de Christo, vomitando asneiras sem dôr nem piedade, celebrou algures, a tua soledade!!!

## Archivo

*Com toda a imparcialidade e justiça farêmos n'esta secção, as apreciações das obras que sejam enviadas ao Despertar!*

Devêr nosso é, agradecermos reconhecidos aos jornaes que abaixo indicamos, as amáveis referencias que se dignaram fazer ao *Despertar!*

### Revista do Bem

Recebemos os n.ºs 91, 92 e 93 d'esta revista illustrada, que se publica quinzenalmente em Lisbôa, destinada á propaganda moral e educativa.

Agradecendo a honrosa visita do illustre collega, vamos gostosamente enviar-lhe o *Despertar!* estabelecendo-se assim a permuta.

### Photo revista

Recebemos os n.ºs 1 e 2 d'esta revista, que se publica mensalmente no Porto, de vulgarisação de conhecimentos photographicos.

E' luxuosamente impressa em papel *couchée*, com excellentes e primorosas illustrações; o seu sumuario é agradável, parecendo-nos ser uma publicação sob todo o ponto de vista util para os amadores de photographia, a quem recommendamos esta obra, pois é a unica publicação d'este genero em Portugal.

A séde da sua redacção é na rua da Fabrica, 55-1.º.

### Avante!

Recebemos o n.º 3 d'esta revista que se dedica á propaganda emancipação operaria.

Os nossos agradecimentos ao *Garcia de Rezende* e ao *Abrantes* por se dignarem

transcrever do *Despertar!*, o primeiro o nosso artigo de apresentação e o segundo o artigo *Excerptos d'um sermão.*

Permutaram com o *Despertar*, o que muito agradecemos, os seguintes collegas: *Meridional, Estrella Povoense, Povo d'Oeiras, Abrantes, Damião de Goes, Abrantes, Povo, Famelicense, Garcia de Rezende, Novos, Defeza, Caixeiro do Norte, Voz de Estremoz, Pedro Nunes, Melrc, Beira, Pensamento, Provincia do Algarve, Jornal de Vagos e Trabalho e União.*

### O que se ha-de ensinar ás mulheres?

Um jornal americano abriu um concurso com esta pergunta.

A resposta que obteve o premio foi a seguinte:

«Em primeiro logar uma boa e completa educação e uma solida instrucção elemental.

Coser, lavar, engomar, bordar, fazer os seus vestidos, cosinhar e fazer tambem bons petiscos.

Dizer-lhe que é preciso gastar menos do que se tem, pois que sem economia segue-se o caminho da indigencia e da miseria.

Ensinar que um vestido de lã comprado a dinheiro vale mais do que um de seda que se ha-de pagar a praso.

Fazer comprehender que um homem trabalhador, sem elegancia, sem se vestir á moda, vale mais do que uma duzia de pelintras imbecis e vaidosos.

Depois de conseguido e realiado esse ensino, pôdem aprender o piano, a pintura, a arte de fazer versos, etc., mas tendo sempre em vista que estas artes são muito secundarias na educação.

Ensinar-lhes a desprezar as vaidades, a odiar a dissimulação e a mentira, e quando chegar o momento de casa-las fazer-lhes comprehender que a sua felicidade dependerá menos da fortuna e posição social de seu marido, do que do character, ou das qualidades moraes d'elle.»

## Tripeiro

### PORTO

Repositorio de noticias portucalenses.

DIRECTOR — *Alfredo Ferreira de Faria.*

# A caça

## Lisboa

Directores--Paulo Cancelli e Henrique Ancoreta

## Illustração Popular

Director Carlos de Magalhães

Rua de Passos Manoel 21-1.º-PORTO

Esta revista que é semanal, e uma das melhores que no genero se publica no Porto custando o modico preço de 2:000 réis por anno.

## A ARTE

### Porto

Director--Marques Abreu

## O ZOOPHILLO

Director-Sebastião Silva Leal-Lisboa

Revista illustrada

## O XUAO

Semanario de caricatura, dirigido por Estevão de Carvalho.

R. Cruz dos Poyaes, 84-3.º-Lisboa

Anno . . . . . 1.000 rs.

## OS RIDICULOS-LISBOA

Bi-semanario Humeristico

Director Cruz Moreira-Lisboa